

CINEMA, HISTÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO: OLHARES SOBRE “CABRA MARCADO PARA MORRER”, DE EDUARDO COUTINHO.

Ingryd Rodrigues da Silva & Maykson Douglas Santos da Silva.

CINEMA, HISTÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO: OLHARES SOBRE “CABRA MARCADO PARA MORRER”, DE EDUARDO COUTINHO.

Ingryd Rodrigues da Silva¹ e Maykson Douglas Santos da Silva².

Resumo:

O presente artigo busca trazer reflexões acerca da construção narrativa de *Cabra Marcado Para Morrer* (1984), de Eduardo Coutinho. Pretendemos, ainda, explicar sobre como a Ditadura do Regime Militar, evento histórico ocorrido no Brasil entre os anos 1964 e 1985, trouxe implicações no processo de filmagem e montagem do produto ficcional, resultando, anos depois, em um documentário que se utilizou de suas memórias gravadas e as ressignificou.

Palavras-chave: Cinema. Memória. História. Ditadura. Coutinho.

Introdução:

Historicamente, o cinema sempre se mostrou uma ferramenta bastante eficaz para a preservação da memória, dos fatos e dos episódios que foram vivenciados com o passar dos anos. Muito do que sabemos sobre eventos de nossa história é possível graças aos produtos audiovisuais que salvaguardam essas memórias. De acordo com o Manifesto do 70º aniversário da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (2008), que possuía como lema “Não jogue filmes fora”:

“Um filme é uma obra de ficção criada por um diretor, ou representa o registro de um momento histórico capturado por uma câmera. Ambos são potencialmente importantes e constituem parte da herança cultural mundial. O filme é uma entidade tangível, pode ser lido pelo olho humano e precisa ser tratado com muito cuidado, tal como outros objetos históricos e museológicos” (Disponível em: <https://bit.ly/2NhrimR>)

No filme *Cabra Marcado para Morrer* (1984), de Eduardo Coutinho, documentarista brasileiro, temos um exemplo prático sobre as contribuições que a sétima arte proporciona em termos de registro e conservação do nosso conhecimento.

Concepção e Contexto Histórico:

Com o produto, Coutinho tinha pretensões de realizar uma obra ficcional que se baseava na vida do líder camponês João Pedro Teixeira, morto em 1962 por policiais militares, entretanto, seu filme foi interrompido pelo Golpe Militar ocorrido no Brasil em 1964. A ideia era realizar uma gravação em Sapé, local onde residiam os participantes reais da história, incluindo Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro, e seus filhos.

Quando tudo estava pronto para ser filmado, em 15 de janeiro de 1964, houve um confronto envolvendo policiais, empregados de uma usina e os camponeses. Os enfrentamentos que ocorreram nas proximidades das locações resultaram na morte de 11 envolvidos e a região foi ocupada pela Polícia Militar do Estado da Paraíba,

¹ Estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas. E-mail: ingryd.rodrigues23@gmail.com

² Estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas. E-mail: mayksond2@hotmail.com

CINEMA, HISTÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO: OLHARES SOBRE “CABRA MARCADO PRA MORRER”, DE EDUARDO COUTINHO.

Ingryd Rodrigues da Silva & Maykson Douglas Santos da Silva.

impossibilitando as filmagens, que foram transferidas para o engenho Galileia, no município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Do projeto inicial de filmar com os personagens reais da história, só restou a participação de Elizabeth, que fazia seu próprio papel.

Pouco tempo depois do início das filmagens, no dia 1º de abril, as gravações foram interrompidas pelo movimento militar de 1964, apenas 40% do roteiro havia sido rodado em Galileia, mas a gravação foi interrompida e os líderes camponeses foram presos. Com esse evento, membros da equipe fugiram para Recife e, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Além disso, equipamentos de filmagens, negativos “virgens”, fitas imagéticas, exemplares do roteiro e anotações sobre as filmagens foram apreendidos.

Algumas imagens de arquivos de jornais da época usados na construção do documentário ajudam a contar as “motivações”. De acordo com as manchetes, Galileia era um ‘foco de subversão comunista’, e os ‘materiais subversivos’ foram apreendidos pelo Exército, dentre os itens: ‘filmes para a formação agitadora dos camponeses’, holofotes para a projeção noturna, além de armas privativas das forças armadas. Ainda segundo a publicação, “a película ensinava como camponeses deviam agir de sangue frio, sem remorso ou sentimento de culpa, quando fosse preciso dizimar pelo fuzilamento, decapitação ou outras formas de eliminação dos reacionários” (Cabra, 1:05:47 – 1:06:00). Todo esse conteúdo distorce completamente a real essência do que estava sendo produzido.

Apesar do material ter sido apreendido, a maior parte do negativo filmado foi salvo, pois já tinha sido enviado para a revelação, no Rio de Janeiro. Também foram salvas algumas fotografias de cena, graças a um membro da equipe que as guardou.

Somente em fevereiro de 1981, Coutinho retornou à Galileia para finalizar o filme do modo que fosse possível, sem roteiro, apenas com a ideia de reencontrar os camponeses que haviam trabalhado na realização da ficção. O contato foi retomado através de depoimentos sobre o passado, incluindo relatos sobre a experiência com a filmagem que havia sido interrompida e a trajetória dos participantes desde a interrupção até a data do reencontro.

Um novo produto:

Como resultado desse reencontro, notamos uma nova estética e o que até então assumia as características de ficção, agora assume os moldes de um documentário. Ao improvisar uma projeção do material, que outrora tinha sido filmado, e exibir à comunidade do engenho, o realizador experimentou um dispositivo cinematográfico – “o dispositivo é a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido”. (MIGLIORIN, 2005). Dessa forma, ao assistirem essas imagens de arquivo, os participantes deram depoimentos nostálgicos e, ao passo que emitem esses relatos sobre a vida e as lutas políticas, remontam o passado.

Desde a identificação de seus rostos quando mais jovens, mesclando o passado com o presente, do filme, incluindo a desestruturação de famílias, passando por relatos sobre a desilusão com a política que resultam em não falar sobre o passado, tudo foi filmado.

Memória e Imagem:

Quanto aos aspectos imagéticos de Cabra Marcado Para Morrer, pode-se observar a junção de diversos tipos de imagens que representam a ressignificação de inúmeros signos, o de contexto histórico, da própria existência dos personagens, e as consequências que o regime ditatorial impôs a cada um deles. Ou seja, trata-se de um filme que aborda questões representativas historicamente.

CINEMA, HISTÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO: OLHARES SOBRE “CABRA MARCADO PRA MORRER”, DE EDUARDO COUTINHO.

Ingryd Rodrigues da Silva & Maykson Douglas Santos da Silva.

Então pode-se afirmar que todo filme é um documentário – inclusive as ficções – por retratar socialmente uma determinada realidade, a certa maneira, como conceitua Nichols (2005):

“Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser.” (NICHOLS, 2005. p. 26-27)

Para analisar a construção desta narrativa, partindo da perspectiva técnica, é relevante observar a formação da montagem do filme. A obra inicia com imagens coloridas registrando acontecimentos de 1981, retratando a exibição das imagens gravadas antes do golpe militar, na década de 60, o que resulta na junção de cenas gravadas em preto e branco, correspondentes a 1962 e 64, e outras coloridas, as de 1981. Sendo assim, fica ainda mais explícito visualmente a ilustração do resgate da premissa inicial do filme (de reconstituir um fato por meio de um enredo verídico, porém construído de maneira ficcional), e explicita as transformações ocorridas no decorrer do processo.

O fato é que *Cabra Marcado Para Morrer* trata-se, entre outras nomenclaturas e conceitos, de um filme que passou a narrar outro filme, o que nos aproxima ainda mais dos desdobramentos na vida dos camponeses retratados pelas lentes do realizador. Tal fato se aproxima da ideia de filme refrativo do pesquisador Timothy Corrigan, que explica que são filmes “que representam e dispersam o ato crítico de pensar cinematograficamente” (CORRIGAN, 2011, p. 182). A afirmação traduz a prática de Coutinho de se desprender da ideia de reconstituir um roteiro, após duas décadas, fazendo com que, assim, as ações e acontecimentos fluam conforme o natural.

Assim que se compreende o dispositivo utilizado por Coutinho, fica fluida a compreensão de como são dispostos os acontecimentos, e o filme deixa de ser uma reconstituição histórica para trazer à tela as transformações que sofreram os lugares, e pessoas que foram recrutadas vinte anos antes, pelo diretor.

Por meio deste resgate histórico, o reencontro pessoal de Coutinho com seus personagens, e assim, dos personagens com eles mesmos: Elizabeth, após vinte anos, abandona a máscara que assumiu, sendo Marta para voltar a ser Elizabeth em 1981, buscando refazer a vida que foi interrompida em 1964.

Documentário como Recorte da Realidade

Apesar do senso comum de que o filme documentário trata-se do registro da realidade, *Cabra Marcado Para Morrer*, trata-se de um puro exemplo de recorte histórico, tanto por sua premissa inicial que buscou reconstituir fatos verídicos por meio de encenações, como pelo enfoque em indivíduos ordinários, em meio a um contexto social de maior abrangência.

“Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos.” (NICHOLS, 2005 p.28)

CINEMA, HISTÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO: OLHARES SOBRE “CABRA MARCADO PARA MORRER”, DE EDUARDO COUTINHO.

Ingryd Rodrigues da Silva & Maykson Douglas Santos da Silva.

Por fim, um aspecto predominante neste filme, é o conceito de *Mise en scène*, ou seja, a maneira como cada um se porta diante da câmera. Exemplo disso são as reações de Elizabeth frente às lentes, e como se porta na ausência dela, como ocorre no fim de sua entrevista, onde seu discurso mais marcante foi feito após o recolhimento dos aparatos de filmagem, ou no momento em que a própria recorre ao diretor para pedir que refizessem o depoimento onde ela reconstitui sua história. É o que explica, Comolli (2008):

“Há em todo o mundo um saber inconsciente sobre o olhar do outro, um saber que se manifesta por uma tomada de posição, uma postura. A cinematografia fornece a prova disso, porque suscita e solicita essa postura, e ao mesmo tempo porque registra, nela escreve sua marca. O sujeito filmado, infalivelmente identifica o olho negro da câmera como olhar do outro materializado. Por um saber inconsciente, mas certo, o sujeito sabe que ser filmado significa se expor ao outro.” (p. 81)

Conclusão

Sendo assim, ao apontar os aspectos técnicos e o conteúdo reorganizado por Coutinho, podemos observar o exercício da metalinguística, pois o filme não se trata somente dos desdobramentos da Ditadura Militar na vida de camponeses, mas também nos mostra as consequências do impedimento do próprio filme em seguir sua premissa inicial, o que torna *Cabra Marcado Para Morrer*, o exercício simbiótico de um filme documentário/histórico.

Referências bibliográficas

COMOLLI, J-L. Ver e poder – a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CORRIGAN, Timothy. O filme-ensaio: desde Montaigne e depois de Marker. Campinas, SP: Papirus, 2015.

FILMES, Federação Internacional de Arquivos de Filmes. Manifesto do 70º aniversário, 2008. Acesso em 11 de setembro de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2NhrimR>

MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. Revista Acadêmica de Cinema. Acesso em: 10 de setembro de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2OA9q3a>.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário/ Bill Nichols; Tradução Mônica Saddy Martins – Campinas, SP: Papirus, 2005. (Coleção Campo Imagético).

Filmografia

CABRA MARCADO PARA MORRER (1984). Eduardo Coutinho. (119 min): sonoro, colorido.